

AS TRILHAS SONORAS DOS FILMES COMO FERRAMENTAS PARA POTENCIALIZAR O EFEITO DE REAL

FILM SOUNDTRACKS AS TOOLS TO ENHANCE THE EFFECT OF REALITY

 <https://doi.org/10.63330/aurumpub.069-030>

Maria Inês de Souza Azevedo Mello

Mestra em Cognição e Linguagem

Universidade Estadual do Norte Fluminense - UENF

E-mail: misamello2@gmail.com

Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8409673483651637>

Resumo

Este trabalho aborda a contribuição das trilhas sonoras para a potencialização do efeito de realismo no cinema, destacando a importância dos elementos sonoros na construção da verossimilhança e na experiência sensorial e emocional do espectador. Trata-se de um estudo teórico, de caráter qualitativo, desenvolvido por meio de revisão bibliográfica, fundamentado nas contribuições de autores como Barthes (2004), Chion (1994) e Nichols (2005). O objetivo é investigar de que maneira a música, os ruídos, os efeitos sonoros e o silêncio contribuem para tornar as narrativas cinematográficas mais convincentes e próximas da realidade. A metodologia consiste na análise e discussão teórica de conceitos relacionados à construção sonora no audiovisual, com exemplos de produções cinematográficas que ilustram o emprego desses recursos. Os resultados evidenciam que a trilha sonora ultrapassa a função de acompanhamento das imagens, atuando na criação de atmosferas, na contextualização das cenas, na orientação das emoções e no fortalecimento da credibilidade narrativa. Além disso, técnicas como a dublagem e o *foley* demonstram que o realismo sonoro é cuidadosamente construído por meio da manipulação e da sincronização dos sons com as imagens. Observou-se, ainda, que a ausência de música pode intensificar a sensação de autenticidade, especialmente em filmes com estética documental. Conclui-se que o som constitui um elemento narrativo essencial para a construção da realidade fílmica, capaz de ampliar a percepção, despertar emoções e tornar a experiência cinematográfica mais envolvente e significativa.

Palavras-chave: Efeito de real; Filmes; Som; Trilha sonora; Verossimilhança.

Abstract

This paper examines the contribution of film soundtracks to enhancing the effect of realism in cinema, highlighting the importance of sound elements in constructing verisimilitude and shaping the viewer's sensory and emotional experience. It is a qualitative theoretical essay based on a literature review, drawing

on the contributions of scholars such as Barthes (2004), Chion (1994), and Nichols (2005). The objective is to investigate how music, ambient sounds, sound effects, and silence contribute to making cinematic narratives more convincing and closer to reality. The methodology consists of the theoretical analysis and discussion of concepts related to sound design in audiovisual productions, supported by examples of films that illustrate the use of these resources. The findings show that the soundtrack goes beyond the role of accompanying images, contributing to the creation of atmospheres, the contextualization of scenes, the guidance of emotions, and the strengthening of narrative credibility. Furthermore, techniques such as dubbing and Foley demonstrate that sound realism is carefully constructed through the manipulation and synchronization of sounds with images. It was also observed that the absence of music can intensify the sense of authenticity, particularly in films with a documentary aesthetic. It is concluded that sound constitutes an essential narrative element in the construction of cinematic reality, capable of broadening perception, evoking emotions, and making the cinematic experience more engaging and meaningful.

Keywords: Effect of the Real; Film; Sound; Soundtrack; Verisimilitude.

1 INTRODUÇÃO

No cinema, a imagem geralmente atrai a maior parte da atenção, porém é o som, que abrange ruídos, música e efeitos sonoros, que oferece a ancoragem essencial para dar realismo à cena. Esses elementos sonoros reproduzem sons do cotidiano, contribuindo para criar uma *diegese*¹ que torna a cena mais autêntica, possibilitando que o público considere o universo fictício como crível, pois confere à obra uma sensação de realidade. Barthes (2004) aponta que o efeito de real é produzido nesta inserção de detalhes que, aparentemente, não são valorizados ou que, isolados, não têm relevância, mas quando são inseridos no contexto da cena, fazem toda a diferença para que o espectador vivencie o que está assistindo como se fosse participante do filme.

A escolha deste tema surge de uma experiência pessoal com a música há mais de trinta anos, tanto na prática como instrumentista quanto na atuação como professora de piano, teclado e Teoria Musical. Essa ligação influencia a perspectiva apresentada e fundamenta as reflexões expostas neste artigo, que propõe a seguinte pergunta: as trilhas sonoras dos filmes podem ser usadas como instrumentos para intensificar o efeito de real? Acredita-se que a música e os sons incorporados aos filmes criam uma sensação de realidade que torna as cenas mais convincentes. O objetivo é investigar de que maneira as trilhas sonoras dos filmes funcionam como ferramentas para intensificar o efeito de real.

¹ Diegese é o mundo da ficção de uma história, que consiste no espaço, no tempo e na realidade própria em que os personagens existem e a trama acontece.

Para a construção desta argumentação, inicia-se analisando a trilha sonora como um elemento de verossimilhança no cinema, pois é o som que faz a cena parecer autêntica para os sentidos humanos. A seguir, discute-se a conexão entre imagem e emoção, examinando o papel particular da música na criação da realidade cinematográfica e na mediação das emoções do público.

2 METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho consiste em um estudo bibliográfico de natureza qualitativa e a coleta de dados foi realizada através de análise de livros e artigos científicos que apresentavam afinidade com a temática. Quanto à organização, esta pesquisa está dividida em seções, além da introdução e das considerações finais. A primeira seção apresenta o som que torna uma imagem ou cena real, analisando a trilha sonora como recurso de verossimilhança² no cinema. Na segunda seção, se discute a relação entre a imagem e o sentimento, apresentando o papel da música na construção da realidade fílmica.

Com a intenção de fundamentar a discussão, foram selecionados autores como Barthes (2004), Mota (2025), Dupont (2022), Chion (1994) e Nichols (2005), entre outros.

3 O SOM QUE TORNA REAL: A TRILHA SONORA COMO RECURSO DE VEROSSIMILHANÇA NO CINEMA

A trilha sonora de um filme não se resume à música de fundo; ela compreende todos os elementos sonoros, que envolvem diálogos, ruídos diversos, silêncios e música e que, juntos, constroem a atmosfera auditiva da narrativa. Como observa Nichols (2005, p.76), quando se dirige um filme, algumas escolhas precisam ser feitas, “como gravar som direto, no momento da filmagem, ou acrescentar posteriormente som adicional, como traduções em voz-over³, diálogos dublados, música, efeitos sonoros ou comentários”. Vários componentes sonoros ampliam as possibilidades criativas do audiovisual, como vozes humanas, sons de passos, vento, buzinas, tiros, portas a ranger e todos esses ruídos concretos, quando bem sincronizados à imagem, criam um efeito de verossimilhança, isto é, fazem a cena parecer crível dentro do universo fílmico. Pode-se dizer que são os sons cotidianos e ambientações sonoras coerentes que tornam real o que se vê na tela e, sobre esta questão, Nichols (2005), ainda diz:

As tomadas históricas, os fotogramas congelados, a câmera lenta, as imagens colorizadas, os momentos selecionados em cores, as legendas ocasionais para identificar tempo e lugar, as vozes que recitam passagens de diários e a música obsedante constroem um tom e um estado de espírito mais do que explicam a guerra ou descrevem seu curso de ação (Nichols, 2005, p. 142).

² Verossimilhança significa o que tem aparência de verdade, que é crível ou que tem semelhança com a realidade.

³ Implica em uma técnica de tradução e narração audiovisual em que uma nova voz é gravada por cima do áudio original, assemelhando-se a uma tradução simultânea, mantendo voz original continua audível em um volume mais baixo, enquanto a tradução ou locução é reproduzida em primeiro plano.

Um aspecto essencial da verossimilhança sonora é a inclusão de sons ambientes e detalhes auditivos que, apesar de parecerem desnecessários e não contribuírem para o avanço da trama, proporcionam uma sensação de realismo. Barthes (2004) menciona o detalhe "inútil" que gera efeito de realismo: por exemplo, ao retratar o interior de uma casa em uma cena cotidiana, o filme pode incorporar o latido distante de um cachorro, o tic-tac de um relógio ou a buzinha de um carro. Embora esses sons não sejam fundamentais para a narrativa, sua inclusão enfatiza que o espaço filmado tem uma existência própria além do que é visível. Esse "excesso descritivo sonoro" funciona como um componente de autenticidade empregado na construção e impressão de realidade que se pretende. Um bom exemplo para esta questão é uma cena do filme *Lavoura Arcaica* (2001), onde o personagem pratica masturbação e o som escolhido para dar intensidade ao ato é o de um trem, como se estivesse passando na hora e que vai acelerando o seu ritmo à medida em que o ator vai sentindo mais prazer.

No âmbito do cinema, a busca pela verossimilhança sonora resultou na criação de técnicas particulares, como a dublagem e a foley, que se refere à geração e gravação de sons sincronizados com a imagem, especialmente os sons do dia a dia que, frequentemente, não são captados de maneira nítida durante as filmagens originais. Os artistas de foley, segundo Schultz (2023), criam sons do dia a dia em estúdio, como passos, manipulação de objetos e telefone tocando, para que esses sons possam ser sincronizados com as ações exibidas na tela, garantindo que até os movimentos mais simples tenham uma sonoridade correspondente convincente. Esse realismo é fruto de uma construção artificial: o áudio gravado ao vivo durante as filmagens raramente é utilizado sem modificações e, na maioria das vezes, para obter o efeito pretendido, os sons são reproduzidos e usados tanto no lugar quanto como complemento do som original.

Chion (1994) observa que praticamente todos os sons no cinema são manipulados (equalizados, filtrados e editados), fazendo com que o espectador médio perceba o resultado como natural dentro da diegese e, assim, a verossimilhança é construída: o som do vento pode ser aumentado para sugerir uma tempestade iminente; os passos do protagonista podem soar mais altos para indicar tensão no silêncio da noite; até o silêncio pode ser fabricado para excluir ruídos indesejados e produzir uma sensação de vazio. Desta forma, este é um exemplo claro de valor agregado do som, conceito proposto por Chion (1994) para designar o valor expressivo e informativo que o som adiciona à imagem de modo a enriquecer a percepção do espectador.

Em suma, a trilha sonora funciona como um poderoso recurso de verossimilhança ao ancorar as imagens em sensações familiares. Uma paisagem urbana filmada ganha vida com buzinas, murmúrios de multidão e sirenes ao longe; um ambiente campestre torna-se palpável com canto de pássaros e cigarras. Até filmes de fantasia ou ficção científica, que apresentam mundos totalmente imaginários, se esforçam para construir uma paisagem sonora detalhada e consistente a fim de dar credibilidade ao universo fictício

apresentado. Assim, o som se torna o que "torna real", dando forma às aparências visuais, fornecendo-lhes textura, profundidade e contexto, além de criar o ambiente para que a música, especificamente, entre em cena e interaja com as emoções do espectador.

3.1 ENTRE A IMAGEM E O SENTIMENTO: O PAPEL DA MÚSICA NA CONSTRUÇÃO DA REALIDADE FÍLMICA

A música no cinema ajuda a criar uma conexão entre as imagens e as emoções do público. A realidade fílmica envolve tanto aquilo que parece real na tela quanto os sentimentos e sensações que o filme provoca e, nesse contexto, a trilha sonora tem um papel importante, pois desperta emoções e orienta a forma como as cenas são percebidas. Dessa forma, a música faz com que as cenas pareçam mais verdadeiras, ao provocar reações emocionais que se conectam com as experiências das personagens. Nichols (2005, p. 59) afirma que “muito desse poder de persuasão vem da trilha sonora do documentário”, reconhecendo a importância da música para evocar sentimentos.

Além de despertar emoções intensas em momentos específicos, a música no cinema também ajuda a dar unidade e identidade ao universo criado na história. Com temas musicais ligados a certos personagens, cenários ou ideias, a trilha sonora oferece ao público referências que se repetem ao longo do filme, criando uma ligação afetiva e narrativa com o que é mostrado na tela. Essa recorrência de temas musicais gera uma sensação de familiaridade: ao ouvir uma determinada música, é possível reconhecer a presença (seja física ou simbólica) de um personagem ou recordar um estado emocional específico associado a ele. Isso fortalece a verossimilhança interna do filme, uma vez que ajuda a manter a unidade da narrativa e a continuidade do universo fictício. Nichols (2005) apresenta três formas de realismo com relevância para o documentário e uma delas é o emocional, que é associado à música:

Realismo emocional diz respeito à criação de um estado emocional adequado no espectador. Um número musical exótico pode gerar um sentimento de exuberância no público, embora haja pouca profundidade psicológica nos personagens e o cenário seja obviamente fabricado (Nichols, 2005, p. 128).

É importante notar que a música pode atuar tanto dentro quanto fora da diegese. De acordo com Dupont (2022), a música diegética, que se origina dentro da cena, como um rádio tocando ou uma banda se apresentando, desempenha um papel duplo: além de fazer parte do cenário sonoro real do momento e influenciar as ações dos personagens, ela também afeta o espectador, contribuindo para a construção da ambientação. Uma canção diegética de época, por exemplo, pode situar a narrativa temporalmente (incrementando a autenticidade histórica) e também despertar nostalgia ou sentimentos que se alinham à atmosfera pretendida. Em contrapartida, a música extradiegética (trilha sonora instrumental ou canção

destinada apenas ao público) não integra o universo dos personagens, porém, de forma paradoxal, tem o poder de enriquecer a realidade do filme ao transmitir emoções que possivelmente não seriam expressas apenas por imagens e diálogos. Nesse cenário, ela constrói uma realidade emocional ampliada, na qual o espectador tem acesso privilegiado ao tom e ao significado das cenas.

É interessante perceber que, às vezes, o silêncio também fala. Em certos filmes com estilo *verité* (uma forma de cinema que tenta mostrar a realidade como ela é, sem interferências ou dramatizações) os diretores escolhem não usar nenhuma música que venha de fora da cena. Essa ausência de trilha sonora não é por acaso: ela ajuda a criar a sensação de que o que está sendo mostrado é algo real, quase como um registro bruto da vida, como aponta Mota (2025).

Carreiro (2014) comenta que a escolha de não usar música incidental em filmes de terror como *A Bruxa de Blair* (1999) foi feita justamente para deixar o filme com um jeito mais real, quase como um documentário. O que se ouve é o som do próprio ambiente, captado pelas câmeras dos personagens e, possivelmente editado pelos artistas de foley, como nas cenas em que eles estão perdidos na mata, onde escutamos só os passos na terra, o farfalhar das folhas, o manuseio de objetos, suas conversas e os sons dos animais ao redor. Sem uma trilha sonora tradicional, o silêncio e esses sons naturais criam uma atmosfera de tensão que prende o espectador. Sem música para guiar as emoções, quem assiste sente tudo de forma mais pura e imediata, como se estivesse vendo uma gravação feita ali na hora, o que deixa tudo muito mais assustador.

Mesmo nesse contexto, muitos filmes acabaram introduzindo *música ambiente do tipo “drone”* (uma massa sonora contínua, quase imperceptível e sem melodia definida) para produzir um clima sonoro opressivo sem quebrar a ilusão de realidade. Trata-se de um meio-termo: mantém-se a impressão de nenhuma “música de filme” tradicional, mas utiliza-se discretamente um recurso auditivo para influenciar o estado de espírito do espectador. Tudo isso evidencia que a música, seja pela sua presença ou pela sua ausência, é elemento essencial na construção da realidade fílmica, porque atua diretamente sobre a dimensão sensível e emocional da recepção cinematográfica.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou examinar de que maneira as trilhas sonoras contribuem para potencializar o efeito de realismo no cinema. A análise revelou que o som, em suas diversas formas, como música, ruídos, silêncio e efeitos, é de extrema relevância para garantir a verossimilhança e a credibilidade da narrativa audiovisual. Embora a imagem seja geralmente o componente mais perceptível para o espectador, é o som que proporciona textura, profundidade e, acima de tudo, uma conexão emocional que pode mudar a experiência de assistir a um filme.

Barthes (2004), Chion (1994), Nichols (2005) e Schultz (2023) são autores que demonstram como os sons ambientes e os efeitos de foley, bem como a trilha sonora, seja diegética ou extradiegética, são componentes expressivos que enriquecem a percepção da realidade. Esses elementos não apenas ampliam a percepção, mas também direcionam emoções, estabelecem atmosferas e geram significados que transcendem a imagem.

O estudo indicou que, em algumas propostas estéticas, a falta deliberada de trilha sonora funciona como uma técnica de realismo. Filmes que seguem o estilo *vérité* ou que possuem uma estética mais crua e direta utilizam essa técnica para persuadir o espectador de que está assistindo a gravações autênticas.

Finalmente, pode-se dizer que a trilha sonora, assim como o som em geral, atuam como uma poderosa ferramenta narrativa. Ela não apenas complementa a imagem, mas é capaz de transformar percepções, despertar memórias, sugerir sentidos e gerar conexões emocionais profundas. Seja pela presença marcante da música, pelos sons cuidadosamente construídos ou mesmo pelo silêncio estratégico, o som no cinema é indispensável na construção da realidade fílmica e na experiência sensorial do espectador.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. O efeito de real. In: _____. **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004
- CARREIRO, Rodrigo. **Imperfeição calculada**: [Rec] como paradigma do desenho de som em falsos documentários de horror. Revista E-Compós, Brasília, v.17, n.2, p. 1-16, maio/ago. 2014.
- CHION, Michel. **La audiovisión**: introducción a un análisis conjunto de la imagen y el sonido. Barcelona: Paidós, 1994. Disponível em: chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgiclfndmkaj/https://monoskop.org/images/0/09/Chion_Michel_La_audiovision_Introduccion_a_un_analisis_conjunto_de_la_imagen_y_el_sonido.pdf. Acesso em 21/06/2025
- DUPONT, Juliano Fontanive. **A música como protagonista no cinema**. UFRGS, 2022. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/radio/a-musica-como-protagonista-no-cinema/>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- MOTA, Luane. **O que é cinema verité e como ele influencia documentários?** Entre Sinopses, Pós-Graduação Artmed, 2025. Disponível em: <https://entresinopses.com.br/o-que-e-cinema-verite-e-como-ele-influencia-documentarios/>. Acesso em: 21 jun. 2025.
- NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Mônica Saddy Martins. Campinas: Papirus, 2005.
- SCHULTZ, Juliano Carpen. **Processos de criação de Foley**: transformando sons em elementos de expressividade narrativa. 2023. 134 f. Dissertação (Mestrado em Cinema e Artes do Vídeo) – Universidade Estadual do Paraná, Programa de Pós-Graduação em Cinema e Artes do Vídeo, Curitiba, 2023. Disponível em: chrome-

extension://efaidnbmnnnibpcajpcgicfindmkaj/https://repositorio.unespar.edu.br/server/api/core/bitstreams/a6af1275-3f29-493a-9acf-aecd7422ed12/contente. Acesso em 21/06/2025.